

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Seminário de Estudos em Epistemologia e Didática – 2º semestre/2007
Coordenador: Prof. Nilson José Machado

OROPA, FRANÇA e BAHIA: Paixão

Zoé Maria de Oliveira Fracarolli

“Seu rei mandou me chamar
Pra casar com sua fia;
Só de dote ele me dava
Oropa, França e Bahia.” (folclore brasileiro)

1. A idéia de fazer um livro para crianças mostrando as realidades nacionais, sua beleza e seus problemas data do século XIX. Pretende-se com isso mostrar a unidade e a identidade nacionais e uma possível integração das crianças como cidadãos do país. Um dos primeiros livros escritos com essa intenção é de 1877 e se chama: “Le Tour de France par deux Enfants”, de Augustine Tuillerie. Narra a história de 2 crianças que fogem da Alsácia ocupada e reatam as ligações familiares. Outro livro com o mesmo intuito é de 1886, foi muito lido e comentado no Brasil e se chama “Cuore” (Coração – Diário de um Aluno), do italiano Edmondo De Amicis. Neste livro o autor fala dos habitantes da Itália, numa tentativa de integração e construção da unidade nacional. Segundo Monteiro Lobato o livro era importante, “tendente a fazer italianinhos”.

O Ministério da Educação da Suécia contratou Selma Lagerloff para escrever um livro que falasse da História, Geografia e dos mitos e lendas do país, a fim de estimular as crianças a conhecê-lo e amá-lo. Depois de algum tempo Selma já pensava em desistir de tal tarefa, certa de que não seria capaz de cumpri-la, quando, de repente, vieram-lhe as idéias à cabeça, e ela escreveu um dos mais lindos livros infantis de todos os tempos: “A Viagem Maravilhosa de Nils Holgersson através da Suécia”. Em 1910 é publicado “Através do Brasil”, de Olavo Bilac e Manoel Bomfim. Seus autores acreditavam que só a educação e o conhecimento do Brasil poderiam integrar os brasileiros e torná-los cidadãos. Era uma das primeiras lições de cidadania e de formação moral.

2. Selma Otília Luísa Lagerlof nasceu na Suécia em 1858, foi a 1ª mulher a receber o prêmio Nobel de literatura e a 1ª mulher a se tornar membro da Academia Sueca de Letras. Era uma pessoa muito generosa e recebeu em sua casa muitos perseguidos pelo nazismo, o que fez com que seus livros fossem proibidos na Alemanha.

Selma Lagerlof, Olavo Bilac e Manoel Bomfim redescobrem as respectivas pátrias e falam do povo, suas lendas, seus mitos, sua coragem e perseverança, com enorme paixão e ressaltam os valores cívicos e morais, destacando especialmente a solidariedade e a amizade. Um outro autor a falar com enorme paixão da sua terra e de seu povo é Euclides da Cunha com o seu livro “Os Sertões”.

3. “A Viagem maravilhosa de Nils Holgersson”- Apresentação do protagonista: Nils era um menino mau: judiava dos animais, quebrava os ovos nos ninhos, prendia os pais no sótão, era indolente e preguiçoso. Numa manhã de domingo, no início da primavera, seus pais estavam prontos para ir à igreja, ele decidiu que não iria. Seus pais deram-lhe como tarefa ler o Novo Testamento e os comentários de Lutero sobre o sermão que o pastor faria naquele dia. Eram 14 páginas. Ele começa a ler e adormece. Ao acordar, percebe que a tampa da arca de sua mãe estava aberta e que um duende está equilibrado na borda da arca. Ele pega uma rede de caçar borboletas e prende o homenzinho que se debate inutilmente. Para salvar-se o duende promete várias coisas ao moleque que concorda em libertá-lo; mas pensando melhor, ele balança a rede e pensa em exigir que o duende o faça aprender imediatamente a lição que os pais lhe passaram. Só que o duende já se libertara e aplica-lhe um bofetão e vai embora. O garoto custa a perceber que o duende o enfeitiçara e agora ele estava com um palmo de altura! Ao entender a realidade, ele vai para o quintal. As galinhas começam um cacarejar sem fim que quase o enlouquece; e mais, ele conseguia entender as falas dos animais. Com a aproximação do gato ele crê que está salvo e o bichano o protegerá das aves; mas ele judiara tanto do gato, que este o quer comer; não o faz por causa da sua dona que o tratava muito bem e ficaria muito triste com a perda do filho. Nils sobe a um muro e observa a passagem de um bando de gansos selvagens, que partiam para a Lapônia. O bando ao passar, convida os gansos domésticos para ir com eles. Na verdade era só uma gozação, pois estes voavam muito mal e não conseguiriam acompanhar. Marten, um lindo ganso branco, fica assanhado com a idéia e tenta voar, mas não consegue: desaprendera a técnica. Nils pula em cima dele para evitar a sua fuga, seria um grande prejuízo para os pais; mas o ganso se lembra e começa a voar: só que Nils está no seu pescoço e agora eles já estão lá no alto. Começaram os seus problemas: ele verá como é difícil ser pequeno e enfrentar a força e a prepotência dos grandes e fortes.

Temas: Biologia: Para falar de sucessão animal, a autora nos conta uma eletrizante batalha entre ratos cinzentos e ratos pretos.

Para falar de reprodução, cio e conquista do parceiro, somos levados a uma reunião de animais em um lugar protegido, onde uma espécie respeita a outra e todos assistem às danças e lutas características com que os machos cortejam as fêmeas: veados exibindo seus chifres e executando uma luta violenta. A luta transtorna a todos, mas os animais não pensam mais em lutar: “Em vez disso, tanto os alados como os demais, todos os animais tinham ímpetos de erguer-se pela eternidade, alçar-se acima das nuvens, procurar o que se escondia atrás delas, abandonar o corpo opressivo que os retinha à terra, e subir rumo ao infinito. Esse anseio pelo inatingível, pelos mistérios ocultos para além desta vida, era coisa que os animais sentiam apenas uma vez ao ano: no dia em que compareciam à grande dança dos grou.”

Descrição de animais e vegetais; preocupação com o meio ambiente. Um incêndio na floresta e o medo e a coragem dos animais. Diferenças entre os animais em estado selvagem e os domésticos

Relação entre pais e filhos: a velha camponesa, que morre totalmente abandonada pelos filhos que haviam emigrado para os Estados Unidos. Ela passara a vida esperando que as crianças crescessem para ajudar nos afazeres da fazenda. Os filhos casam-se antes de partir e deixam os filhos para a avó cuidar. Quando estas crianças crescerem, a vida vai

melhorar: eles vão me ajudar a cuidar da fazenda. Eles crescem e vão ao encontro dos pais. Mas as charnecas serão drenadas e ali os cereais serão cultivados. Ela vai escrever a eles que voltem, pois a fazenda produzirá o suficiente para o sustento de todos. Mas ela morre antes de escrever.

Nils era um garoto estranho, não gostava de ninguém, nem mesmo do pai ou da mãe, não tinha amigos, não sentira saudade dos pais e só ficara bem entre os gansos, gozando a liberdade e a volúpia de voar acima da terra pelo espaço afora. Ele chora de tristeza ao pensar que terá de voltar para a casa e voltar a ser humano. Ao olhar os retratos dos filhos da velha camponesa, ele tem a "... impressão de que eles fitavam cegamente o vazio, sem querer ver nada". Só então ele pensa nos pais e se pergunta se eles sentiriam saudade dele... mas ele não fizera nada para deixar saudades...

Superstição: Asa e o irmão Matts eram dois órfãos e, como Nils, eram guardadores de gansos. Eram as únicas pessoas por quem Nils sentia algum afeto. A mãe morrera por ter recebido, em sua casa, uma mulher que tinha a maldição de uma cigana: toda e qualquer pessoa que ajudasse a mulher teria a vida desgraçada. Logo depois a mulher morre e a mãe de Asa vê seus filhos mais velhos morrer e o marido fugir de casa espavorido percebendo que a filha mais velha, a sua preferida, está à morte. Com a morte dos filhos e o desaparecimento do marido, a mãe de Matts muda-se com os menores para um lugar onde ela pudesse trabalhar. Depois de pouco tempo ela morre deixando as crianças órfãs. Pouco depois, as crianças ouvem uma palestra sobre tuberculose e crêem que a mãe morreu dessa doença. Conversam com o conferencista e este lhes garante que a mãe efetivamente morrera da doença e não de uma maldição qualquer... Assim eles decidem procurar o pai, que está na Lapônia, para contar-lhe a verdade.

E é em busca do pai que Carlos e Alfredo saem do Recife, num domingo, no começo da primavera.

4. A partir da aventura de 2 irmãos, Carlos, de 15 anos, Alfredo, de 10 anos, em busca do pai, os autores mostram a paisagem do Brasil, de Pernambuco ao Rio Grande do Sul, e ao mesmo tempo, contam parte da História e o modo de produção característicos dos Estados por eles percorridos. Durante a viagem conhecem Juvêncio, um moleque de 17 anos, criado no interior de Pernambuco, que os ajuda muito ensinando-lhes onde encontrar água no sertão nordestino castigado pelas secas, a encontrar comida e compartilha dela com os meninos e trabalha para conseguir dinheiro para o prosseguimento da viagem.

Carlos, o mais velho, recebe um telegrama com a notícia de que o pai, viúvo, estava doente numa pequena localidade no interior de Pernambuco, e resolve fugir do colégio, onde ele e o irmão foram internados, depois da morte da mãe. O pai era engenheiro e trabalhava na construção de uma estrada de ferro. Os 2 meninos, depois de fugir do colégio, começam uma peregrinação por trem, à cavalo, a pé, por barcos pequenos e grandes e chegam a Pelotas na estância onde moravam a avó materna e seus dois filhos, rios de Carlos e Alfredo.

O 1º cenário é o vale do São Francisco, a apresentação do "rio da unidade nacional", o rio que é exclusivamente brasileiro. Além disso, ao longo do livro somos apresentados a muitos tipos humanos, sendo Juvêncio a personagem mais fascinante,

calcada na figura de um trabalhador do engenho Bomfim, de propriedade do pai de Manoel.

A viagem começa em Recife; os meninos partem, de trem, do litoral para o interior, até Palmares, fazem baldeação e dirigem-se para Garanhuns e recebem a 1ª ajuda de uma senhora africana. Têm pouco dinheiro e precisam economizar ou não haverá o suficiente para o resto da viagem. Ficam sabendo que o pai está em Boa Vista, a 40 léguas de Piranhas, que é o ponto mais distante onde chega a estrada de ferro. Eles teriam de percorrer, a cavalo, 25 léguas até Piranhas, no estado de Alagoas, daí até Boa Vista. O doutor Cunha, um engenheiro da estrada de ferro e amigo do doutor Menezes, o pai das crianças, dá-lhes dinheiro para a viagem e despesas miúdas; contrata 1 “mateiro”, que conhece bem os caminhos, para guiá-los e escreve uma 1 carta de recomendação para o major, em Jatobá, a fim de que ele providenciasse meios para a subida do rio (São Francisco).

A cavalo: de Garanhuns para Alagoas; Carlos conta a história de Caramuru e da antropofagia. Palavras indígenas no português. A vida selvagem e a vida dos brancos. Conta como viviam os índios, seus usos e costumes. Depois, param numa fazenda; esta pertence ao pai de 2 amigos de Carlos que estudam no mesmo internato em Recife. Na fazenda eles assistem a uma roda de samba com os empregados e da qual Benvindo, o guia que viera com eles, participa.

No caminho eles avistam a vegetação, quase inexistente: quase um deserto; calor abafado e sufocante, árvores mirradas, enfim a paisagem da caatinga, que os nativos chamam de carrascal. Casa de amigos de Benvindo e sempre a boa vontade dos sertanejos.

Piranhas: hospedam-se em um hotel e vêem o São Francisco, que é a divisa entre os Estados de Sergipe e Alagoas: a fazenda do capitão Paulo Silveira, onde eles ficam por alguns dias, situa-se no estado de Alagoas. Em Piranhas, Benvindo se despede dos garotos, que tomam o trem para Jatobá, já em Pernambuco.

Encontro com um caixeiro viajante. Estação de Sinimbu e a cachoeira de Paulo Afonso, que, para ele, era o espetáculo mais belo da terra. Do trem escuta-se o ronco da cachoeira. “...as águas crescem, confundem-se, brigam, separam-se, tornam a chocar-se numa peleja titânica com um fragor que ensurdece. Em torno da cachoeira, todo o espaço fica toldado de um nevoeiro denso, formado pelo vapor da água que espadana em espuma. Imaginem agora o sol atravessando esse vapor e acendendo nela vários arco-íris em que brilham topázios, rubis, esmeraldas e safiras!”

Entram pela ponte do rio Moxotó: é o estado de Pernambuco. O rio separa Alagoas de Pernambuco. O viajante aproveita uma pergunta de Alfredo para explicar as capitânicas hereditárias e as fronteiras entre os estados. Chegaram a Jatobá. O major os recebe e os coloca numa canoa, com um bom canoieiro conhecedor do São Francisco. 7 dias de viagem; a guerra do Paraguai é comentada pelo capitão, amigo do major e que fizera a campanha com ele.

Chegados a Boa Vista ficam sabendo que o pai doente fora para Petrolina. Os meninos vão de lancha para Petrolina, Pe, e Juazeiro, Ba. Descobrem que o pai morrera: um marujo lhes dá a notícia. Decidem ir para Salvador e lá tentar uma comunicação com os parentes do Rio Grande do Sul. Deveriam fazer 25 léguas, a pé, até Vila Nova da Rainha. No caminho, encontram Juvêncio: descrição dos trajes dos caboclos e a sua solidariedade. O caboclo Juvêncio os ajudará em tudo; é um herói, caráter sem jaça, amigo, companheiro

e “pau pra toda obra”. Dormem numa choça abandonada. Sistema de governo; o sertanejo e a seca. Juvêncio conta a própria história.

Os tropeiros e o 1º salário de Carlos. Uma fazenda de criação de bois; os meninos trabalham, ganham algum dinheiro e a viagem continua. Não há cidades: só aldeias, casas isoladas, arraiais e gente boa e solidária, pronta a ajudar, a dar um pouso, comida e o carinho da compreensão e da amizade. Os lugares nem sequer têm nome. Pobreza, sempre pobreza... e solidariedade, muita solidariedade. Remédio: cachaça.

Os lugares de pouso são sempre os que possuem água e vegetação; os seres humanos que encontram são viajantes, migrantes e tropeiros. Estes estão sempre dispostos a ajudar e a pagar pelo serviço que lhes for prestado. Essa foi uma forma dos meninos fazerem algum dinheiro para prosseguir a viagem. De carona com os tropeiros as crianças conseguem fazer mais 9 léguas e chegam a uma fazenda de gado e de algodão. Aí ganham mais algum dinheiro e aprendem como se faz o cultivo do algodão. E descobrem a importância do trabalho, qualquer trabalho.

O cotidiano do Brasil: A cruz da estrada. Os assassinos e os santos. As lavadeiras. A improvisação para fazer comida e providenciá-la: caça e pesca.

A ida a Riachinho: brigas, acusações e trapaças para enganar trapaceiros.

A ida para Jaguari e trabalho para o ferreiro Juvêncio. Descrição de pequenas oficinas: uma forjaria. O anúncio no jornal. Já estão sendo procurados pela família da mãe que mora em Pelotas. Precisavam chegar a Vila Nova da Rainha e pegar o trem para Salvador. Na verdade há um trem que liga Juazeiro a Salvador, mas as crianças não têm dinheiro. A distância entre as 2 cidades é de mais de 500 km. O encontro com o velho moribundo e a bondade dos meninos, o trem de novo. Travam conhecimento com um negociante de fumos e descobrem as riquezas da Bahia: ouro, diamantes, ferro, fumo, cacau (na época ainda não havia sido descoberto o petróleo na Bahia e nem a sua importância industrial).

Descem em Catu e tomam conhecimento da malha ferroviária do nordeste e da importância dos caminhos de ferro; visitam um engenho e usina de açúcar. “O ruído do motor batendo surdamente, o chiado do esguicho do caldo, o ranger da moenda, o baque das canas atiradas, o arfar dos tachos cheios do melado fervente, as vozes dos trabalhadores – tudo isso formava um alarido contínuo, um grande concerto de rumores confusos, uma atmosfera de sons atroadores.”

Chegada a Salvador; alojam-se na casa de Inácio Mendes, um negociante, que os procurava a mando da família, visitam a cidade, despedem-se de Juvêncio, que irá trabalhar em Manaus, e embarcam para o Rio Grande do Sul.

O norte do país, destacando Manaus, o rio Amazonas e a pororoca são descritos na viagem de Juvêncio.

A viagem para o sul: as jangadas; Vitória e Rio de Janeiro acomodação em casa de amigos de Inácio Mendes. A entrada no porto, a vista da cidade; Guanabara: águas escondidas; a cidade grande, então capital federal. O gigante índio de pedra com cocar: Gávea, Corcovado e Pão de Açúcar e outras montanhas.

Do Rio para São Paulo e Santos : o progresso paulista; a lavoura de café. A viagem, de trem, do Rio para São Paulo; a conversa com um engenheiro de minas, de Minas; a malha ferroviária brasileira; os minérios e metais de Minas, Goiás e Mato Grosso. Navio para o Rio Grande, passando por Paranaguá e Florianópolis. Chegada a Pelotas; visita à estância da avó e dos tios.

A descoberta: o pai está vivo e virá buscá-los em companhia de Juvêncio.

Carlos e Alfredo são 2 crianças amorosas, ligados ao pai; a separação só ocorrera porque a mãe havia falecido. Ligam-se com facilidade a outras pessoas, haja vista a amizade profunda e sincera que sentem por Juvêncio. Não é necessário ensinar-lhes o amor. Talvez por isso só encontraram solidariedade, pessoas simpáticas e gentis sempre dispostas a colaborar, a dar informações e distribuir conhecimento. Nils encontra sempre o perigo e a ameaça de morte, representada pela raposa, sempre disposta a destruí-lo e ao bando de gansos selvagens que ele acompanha. O conflito entre o bem e o mal é representado pela luta entre a raposa Smirre e Nils; para os meninos brasileiros, o mal é a falta de dinheiro e a natureza inóspita.

5. Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac nasceu no Rio de Janeiro em 16 de dezembro de 1865. Começou a Faculdade de Medicina e depois de algum tempo a abandonou. Aos 19 anos inicia sua colaboração literária nos jornais cariocas, o que durará a vida toda. Suas poesias eram conhecidas por todos e ele era uma figura popular. Era um apaixonado por educação e acreditava que só uma boa educação redimiria o país e solucionaria os seus problemas. Com Manoel Bomfim escreve livros para crianças, com fins didáticos e de formação moral; foi “secretário de educação” do município do Rio de Janeiro e editou, também com Manoel Bomfim, uma revista pedagógica. Bilac e Bomfim acreditavam que só a educação poderia trazer o progresso e fazer a integração do povo brasileiro. Queriam que o livro *Através do Brasil* fosse o único livro de leitura, nas suas séries e dele o professor poderia retirar os temas para o ensino de todas as matérias. O livro seria apenas um guia para o professor, que deveria completar o ensino usando também outras fontes.

Olavo Bilac e Manoel Bomfim preocupavam-se com a formação cívica e moral das crianças e tinham idéias a respeito de ensino e aprendizagem que ainda hoje seriam consideradas modernas.

Manoel José do Bomfim nasceu em Aracaju em 8 de agosto de 1868, sendo o seu pai um comerciante e dono de engenho, onde Manoel trabalhou algum tempo, antes de iniciar seus estudos de medicina, na Bahia e concluídos no Rio de Janeiro. Como Bilac, foi secretário de Educação, ajudou a fundar a revista de Pedagogia, e também acreditava que só com a educação o país poderia superar os seus impasses econômicos e que preparando as crianças para amar e compreender seus concidadãos, poderíamos chegar a um nível de prosperidade e distribuição de riquezas. Pode-se dizer que Bomfim foi o 1º sociólogo brasileiro e que conhecia o país como poucos.

Bilac morre em 1918 e Bomfim em 1932; Selma Lagerlof em 1942.

6. “Os Sertões”, de Euclides da Cunha, páginas 111, 112:

“Percorrendo certa vez, nos fins de setembro, as cercanias de Canudos, fugindo à monotonia de um canhoneio frouxo de tiros espaçados e soturnos, encontramos, no descer de uma encosta, anfiteatro irregular, onde as colinas se dispunham circulando um vale único. Pequenos arbustos, icozeiros virentes viçando em tufos intermeados de palmatórias de flores rutilantes, davam ao lugar a aparência exata de algum velho jardim em abandono. Ao lado uma árvore única, uma quixabeira alta, sobranceando a vegetação franzina.

O sol poente desatava, longa, a sua sombra pelo chão e protegido por ela – braços largamente abertos, face volvida para os céus – um soldado descansava.

Descansava... havia três meses.

Morrera no assalto de 18 de julho. A corronha da Mannlicher estrondada, o cinturão e o boné jogados a uma banda, e a farda em tiras, diziam que sucumbira em luta corpo a corpo com adversário possante. Caíra, certo, derreando-se à violenta pancada que lhe sulcara a frente, manchada de uma escara preta. E ao enterrar-se, dias depois, os mortos, não fora percebido. Não compartira, por isto, a vala comum de menos de um côvado de fundo em que eram jogados, formando pela última vez juntos, os companheiros abatidos na batalha. O destino que o removera do lar desprotegido fizera-lhe afinal uma concessão: livrara-o da promiscuidade lúgubre de um fosso repugnante; e deixara-o ali há três meses – braços largamente abertos, rosto voltado para os céus, para os sóis ardentes, para os lugares claros, para as estrelas fulgurantes...”

São os ‘higrômetros inesperados e bizarros’ como os chama Euclides.

Haveria um mar único: o Atlântico e o Pacífico se fundiam e o Amazonas era um canal que separava as ilhas desse mar. Mas houve uma ‘sublevação’ e os Andes e terras circunvizinha se elevaram e o Amazonas tornou-se o rio-mar, possivelmente no período Terciário.

BIBLIOGRAFIA

BILAC, Olavo e BOMFIM, Manoel. “Através do Brasil”. São Paulo, Companhia das Letras, 2000

CUNHA, Euclides da. “Os Sertões”. 27ª edição. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1963

CUNHA, Euclides da. “Os Sertões”. Edição Crítica por Walnice Nogueira Galvão, São Paulo, Brasiliense, 1985

De AMICIS, Edmondo. “Coração – Diário de um Aluno”. Tradução de João Amêndola. São Paulo, Hemus, s.d.

LAGERLOF, Selma. “A Viagem Maravilhosa de Nils Holgersson através da Suécia”. Tradução de Manoel Paulo Ferreira. Rio de Janeiro, Editorial Nórdica, 1985